



**Between Vengeance
and Forgiveness:
Facing History after Genocide
and Mass Violence**

Martha Minow
Beacon Press,
Boston, 1998

Alexandra Barahona de Brito

Este livro descreve de uma forma simultaneamente académica e jornalística o modo como as sociedades enfrentam o seu passado violento e tentam ultrapassá-lo e lidar com ele através de mecanismos legais inovadores. Martha Minow argumenta que não é possível encontrar uma resposta definitiva para atrocidades colectivas, apenas fragmentos de resposta ao problema.

A autora explora, todavia, os modos de lidar com o passado, dividindo as soluções segundo a dicotomia vingança/ perdão, e discute o espectro das soluções na introdução, abordando os casos desde a amnésia à punição, e o respectivo impacto de cada uma delas.

O livro está dividido em quatro capítulos: um sobre julgamentos, outro sobre comissões da verdade, outro sobre reparações pecuniárias e um sobre memória política. Minow argumenta que os julgamentos podem ter utilidade, mas que quando se afirma exageradamente a sua habilidade para prevenir violações ou mudar atitudes, o desapontamento é geral.

A discussão das comissões da verdade assenta unicamente no caso da Comissão da Verdade e da Reconciliação da África do Sul. A autora considera que este tipo de entidades são uma das formas mais produtivas de lidar com atrocidades passadas, uma vez que proporcionam alguma justiça, além de darem às vítimas uma oportunidade para reconhecerem e ultrapassarem os seus traumas – embora estes não possam ser apagados simplesmente por se dizer a verdade.

A análise das reparações pecuniárias centra-se especialmente nos casos ocorridos no Japão no pós-guerra e na Alemanha e em Israel. Reconhece a importância deste tipo de compensações e a restituição das propriedades, mas tende a considerar o pedido de desculpas como a forma mais positiva de reparação, uma vez que há admissão do sofrimento.

No capítulo final – Enfrentando a História – são discutidos os perigos de lembrar demais ou esquecer demais. Há o risco de se alimentar uma cultura de vitimação que poderá ela própria transformar-se numa armadilha, uma vez que poderá impedir a autoconsciência. Este capítulo transcende as comissões da verdade oficiais e os julgamentos e envolve a sociedade no seu todo, incluindo a construção de monumentos, memoriais e comemorações. Sejam quais forem as políticas e as acções sociais implementadas, a história está sempre presente e está a trabalhar para um futuro melhor, revivendo situações. ■



Baía dos Tigres

Pedro Rosa Mendes
Ed. Dom Quixote,
Lisboa, 1999
(lançamento a 18 de Novembro)

Patrícia Ferreira

“Em cada milímetro deste chão está o último instante da minha vida”. É assim que começa o primeiro livro de Pedro Rosa Mendes, jornalista do PÚBLICO, intitulado “Baía dos Tigres”, que nos relata a expedição realizada pelo autor, de Luanda a Quelimane (com breve passagem pela República Democrática do Congo), em 1997. A inspiração veio da viagem de Pedro João Baptista e Anastácio Francisco, dois escravos pombeiros que, no início do século XIX (1802-1814), muito antes de Livingstone ou de Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens, realizaram por terra e a pé uma das travessias africanas mais injustamente esquecidas por ser uma das mais notáveis.

No entanto, atravessar um país em guerra implica ultrapassar dificuldades várias e permanecer constantemente vigilante, já que a morte está à distância de um descuido. Por outro lado, as dificuldades logísticas de uma “missão” deste tipo e as restrições ao trabalho jornalístico são evidentes.

Através de histórias de vida, de conversas quer com pessoas simples e cidadãos comuns quer com intervenientes directos na guerra, o autor revela-nos de forma magnífica e com a crueldade do real, as verdadeiras dimensões da guerra, particularmente em Angola, isto é, aquelas que se reflectem na vida quotidiana. Kalutotai, Zeca, Justino, Augusto Amaral, Matos, Paulo de Sousa, são nomes de gente cujas vidas foram inevitavelmente determinadas pela situação política e militar do seu país, a qual decidiu muitas vezes a prisão ou a liberdade, a alegria ou a tristeza, a vida ou a morte.

Da narrativa transborda não só o sofrimento de um povo, mas também a esperança de uns e a resignação de outros face a uma situação que poderia ter sido diferente. Os efeitos da guerra estão por toda a parte: nas casas e estradas destruídas, nas marcas físicas de muitos, na mente das pessoas. As minas antipessoal constituem um pesadelo que tirou ou marcou muitas vidas e continuam a ser um problema grave para a população (“Kavaleka é a aldeia com maior concentração de mutilados por metro quadrado do mundo”).

O trabalho escasseia e muitas vezes as Organizações Não Governamentais e organizações internacionais são uma fonte de emprego importante. As “mães sozinhas” e as crianças órfãs ou com traumas resultantes da guerra são algo assustadoramente vulgar. Todos se lembram ainda da luta pela independência e do período conturbado que se seguiu, mas poucos conseguem compreender os interesses subjacentes à continuação de uma guerra com efeitos tão dramáticos, que se prolongarão durante gerações. ■